

Ambiente

Organizações ecológicas e humanitárias, com apoio de governos europeus, iniciam nova ofensiva com o objetivo de internacionalizar a região. E criticam o governo Collor.

Europa quer observadores da ONU na Amazônia

Uma nova ofensiva para a internacionalização da Amazônia está sendo preparada na Europa por organizações ecológicas e humanitárias, convencidas de que o governo do presidente Fernando Collor, como os anteriores, já demonstra certa impotência para proteger a floresta e os índios de graves ameaças. Por isso, essas organizações propõem o envio de observadores das Nações Unidas — os “capacetes azuis”, que integram a força de paz da ONU no Líbano — para ajudar a proteger os índios ianomamis, que, segundo elas, estão sendo dizimados, e a própria floresta, ameaçada de destruição pela multiplicação de queimadas.

Ontem, em Paris, em contato com a Agência Estado, o ex-chanceler Abreu Sodré — que, nos últimos quatro anos, acompanhou como ministro das Relações Exteriores a evolução do problema — qualificou de “absurda e inaceitável” a idéia de se enviar forças da ONU para a Amazônia, afirmando que “o País não tem necessidade de tutores militares para conduzi-lo, pois já atingiu a maioridade”.

As organizações européias (entre elas a *Medecins du Monde*) estão lembrando que “o presidente Collor, num gesto simbólico, visitou a Amazônia logo após a sua posse, mas, mal voltou as costas para a região, os incêndios nas florestas recomeçaram e os garimpeiros que poluem os rios e envenenam suas águas continuaram agindo em territórios reservados aos índios”. Assim, apoiadas discretamente por vários governos europeus, as organizações perguntam se não teria chegado a hora de a ONU proclamar a Amazônia “patrimônio da humanidade”, para que possa ser melhor protegida.

Aeberhard

Esta tese é defendida, entre outros, pelo presidente de honra da *Medecins du Monde*, o médico Patrick Aeberhard, que regressou recentemente de uma missão junto aos índios ianomamis desesperado pelo que constatou nas reservas desses índios e em toda a área visitada.

A revista *Paris Match* publica esta semana uma ampla entrevista com Aeberhard, que tenta mostrar o que chama de incapacidade do governo brasileiro de controlar a Amazônia, “o pulmão do mundo”. Neste contexto, ele define como pelo menos “curiosa” a posição assumida pelo secretário brasileiro do Meio Ambiente, José Lutzenberger, reconhecendo que “o resto do mundo também é responsável pela sorte da floresta amazônica, o que teria irritado profundamente Brasília”.

Soberania

Desde a conferência de Haia (Holanda), o governo francês defende a necessidade de os países abrirem mão de uma parcela de sua soberania para permitir a criação de uma “alta autoridade supranacional” que possa punir os delitos na área ecológica em todo o mundo. Na ocasião, o governo brasileiro reagiu vigorosamente contra a iniciativa, acreditando que isso poderia ferir sua soberania.

A iniciativa foi defendida em Haia pelo próprio presidente François Mitterrand e pelo primeiro-ministro Michel Rocard. Mitterrand chegou a lembrar que a França e outros países europeus, para integrar-se na comunidade, também têm admitido abrir mão de uma parcela de sua soberania. O ex-chanceler Sodré lembrou que ofensivas dessa natureza não são novidade, “pois já têm sido sentidas há muito tempo”.

(Reali Júnior, de Paris)

Proteção para os índios da Amazônia

Os índios fazem parte da natureza da Amazônia, tanto quanto suas árvores e animais, e também devem ser protegidos pela campanha mundial em defesa da ecologia da região. Esta é a tese de 30 líderes indígenas do Brasil, Peru, Colômbia, Bolívia e Equador que, de hoje até depois de amanhã, participarão de uma reunião em Iquitos, porto da Amazônia peruana na fronteira com o Brasil. Do encontro fazem parte também ecologistas de entidades internacionais.

O principal coordenador da reunião, Evaristo Nugkuag, da etnia Aguaruna do Peru e presidente da Coordenadoria das Organizações das Populações Indígenas da Bacia Amazônica-Coica, disse ser lamentável que os ecologistas de todo o mundo, apesar de suas boas intenções, ignorem os povos indígenas nas campanhas para salvar a Amazônia do desaparecimento em decorrência da atuação dos agricultores e madeireiros.

Continuou Nugkuag: “Somos parte da natureza, mas os ecologistas sempre nos ignoraram. Até agora, eles nunca nos deixaram ter participação nos esforços de salvação da Amazônia”. Ele cita como exemplo a conversão de parcelas da dívida externa em projetos de preservação, já aceita na Amazônia pela Bolívia e Equador. Afirmou Nugkuag que os acordos de conversão da dívida externa “deixam os índios à mercê de governos que não têm o menor interesse em proteger as populações nativas e até lhes podem ser hostis”.